

Piracicaba, 25 de janeiro de 2005.

EXPORTAÇÕES EM ALTA COM PREÇOS INTERNOS EM BAIXA

Estados	Variação Mensal e Acumulada						Ponderações
	COE		COT		Boi Gordo R\$/@		
	dezembro-04	Jan - dez/04	dezembro-04	Jan - dez/04	dezembro-04	Jan - dez/04	
Goiás	0,31%	6,54%	0,29%	6,63%	-2,11%	2,14%	13,3%
Minas Gerais	-0,10%	10,26%	0,34%	14,47%	-0,82%	0,98%	13,7%
Mato Grosso	0,62%	9,81%	0,01%	9,40%	-3,63%	0,61%	16,2%
Mato Grosso do Sul	0,21%	10,78%	0,24%	12,82%	-4,11%	0,97%	16,4%
Pará	-1,04%	4,61%	-0,87%	7,58%	-3,00%	-2,28%	8,8%
Paraná	0,66%	8,03%	0,57%	7,80%	-1,33%	-0,61%	6,7%
Rio Grande do Sul	0,26%	4,33%	0,20%	5,22%	8,03%	-5,26%	9,6%
Rondônia	-1,83%	6,78%	-1,40%	14,75%	-4,25%	-3,04%	6,2%
São Paulo	2,07%	8,03%	1,58%	10,98%	0,07%	2,02%	9,2%
Brasil*	0,22%	8,14%	0,17%	10,10%	-1,49%	-0,03%	

* - Referente a 77,87% do rebanho nacional segundo o Rebanho Efetivo Bovino PPM / IBGE 2003.

A produção de carne bovina inicia o ano com expectativas pouco otimistas, preços estáveis – mesmo com o consumo em alta –, custos de produção crescentes e insegurança em relação à indústria frigorífica. A combinação desses fatores deixa o mercado apreensivo e afasta os investimentos necessários para atender as crescentes demandas interna e externa.

Em 2004, puxados em especial pelos reajustes da mão-de-obra, da suplementação mineral e dos fertilizantes, os custos totais de produção cresceram 10,1% em reais e 18% em dólar, enquanto os preços da arroba permaneceram estáveis. Esses resultados, somados às perdas da inflação, indicam uma acentuada diminuição de margem por volta de 20%. Por que isto está ocorrendo? Como está a demanda pela carne? O que esperar de 2005?

O mercado interno tem, ao menos, boas expectativas quanto ao volume de carne a ser consumido. Nas contas dos mais otimistas, o crescimento da economia nacional pode ser da ordem de 4%, que seria suficiente para elevar o consumo doméstico em mais de 400 mil bois de 17 arrobas.

Esse comportamento, no passado, seria suficiente para tornar o mercado eufórico e causar pressões altistas. No entanto, o atual nível de desenvolvimento da pecuária e a estabilidade de preços vista no último ano dificultam as apostas num cenário como esse. A elasticidade de oferta é maior, ou seja, a produção leva um tempo menor para se ajustar à demanda, além do que está havendo um processo de intenso aumento de produtividade ainda pouco conhecido.

O consumidor também tem uma memória mais seletiva para os preços e desloca o consumo para produtos alternativos com relativa facilidade. Além disso, a resposta do consumidor à elasticidade-renda de demanda - indica quanto o consumidor aumenta suas compras diante da elevação de renda – mudou. Nos anos 80, empurrava o consumo de forma quase natural, pois havia grande restrição de consumo devido à renda. A oferta de carne e os ganhos reais da queda da inflação reduziram essas



DEPARTAMENTO DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO • ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

cepea@esalq.usp.br • <http://cepea.esalq.usp.br>

Piracicaba, 25 de janeiro de 2005.

restrições e o consumidor deixou de ser tão fortemente condicionado pela renda, sendo afetados por outros fatores, como por exemplo, o preços dos produtos concorrentes.

Por fim, existe a concentração do varejo. Para agarrar clientes, muitos supermercados pressionam os frigoríficos por melhores preços da carne no atacado a fim de serem competitivos frente à concorrência.

A pesquisa contínua para a elaboração destes indicadores de custos da pecuária tem mostrado que há pouco interesse de investimento por parte dos produtores. As empresas de semente pensam mais em buscar meios para exportar do que em acelerar a venda interna, sinalizando que há pouca expectativa de que o pecuarista brasileiro aumente os investimentos em pastagens.

Mesmo nesse contexto, o ano promete ser de menor pressão sobre as áreas de pastagem. Culturas anuais importantes – soja, milho e algodão –, que disputam área com as pastagens, principalmente no Centro-Oeste, já não despertam o mesmo interesse dos anos anteriores.

No fronte externo, a produção de carne bovina no mundo deve crescer 1%, de acordo com a FAO/ONU, e os países onde o crescimento deve ser maior são: China, Canadá, Índia e Brasil. Embora a Índia e o Canadá avancem em ritmo semelhante entre si, a base para esse crescimento é menor. No caso específico do Canadá, os focos de vaca louca que foram assumidos pelo governo nos últimos dias podem comprometer essa previsão. Os outros países que devem ter crescimento no volume de carne comercializada externamente são: EUA e Argentina – ambos estão em processo de recuperação de mercados.

O maior desafio deste ano é manter o crescimento da produção, dentro de um ambiente pouco animador. O produtor tem nos preços do boi a forma mais direta para decidir os seus investimentos, já que, como em todos os mercados agrícolas, é um tomador de preços. A montante, enfrenta uma indústria de insumos mais organizada - as altas de preços atestam isso – e, a jusante, a indústria frigorífica em processo de concentração.

No ano passado, os problemas fiscais vividos por grupos afetaram de maneira decisiva os preços naquele que seria o melhor momento para os pecuaristas. Na mesma leva, os outros grupos também foram afetados, pois os custos do dinheiro para as empresas frigoríficas cresceram à medida que os bancos elevaram as taxas de riscos das empresas do setor. Enfim, se as vendas ao exterior garantem as empresas, a falta de transparência continua atrapalhando todo o setor.

O ano começa com o mercado futuro negociando a arroba do boi a R\$ 65,00 para outubro, à vista, o que representaria cerca de R\$ 67,00 com 30 dias. Isto já é bem menor que os R\$ 70,00 que chegaram a ser comercializado em dezembro.



DEPARTAMENTO DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO • ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

cepea@esalq.usp.br • <http://cepea.esalq.usp.br>

Piracicaba, 25 de janeiro de 2005.

Análise de Insumos e Regional

SALÁRIO E MINERAL PUXAM INFLAÇÃO DE CUSTOS EM 2004

O fechamento dos números de dezembro reforça as perdas que o pecuarista já vinha sofrendo nos meses anteriores. Três grupos de insumos que representam cerca de 17% dos custos totais – itens para cercas, máquinas/implementos e adubos –, subiram mais de 20% nos 12 meses de 2004. Mão-de-obra e suplementação mineral, que participam com 36% dos custos, também tiveram reajustes consideráveis de 8,3% e de 13,3%, respectivamente. Quanto à arroba do boi, na média dos nove Estados, praticamente não houve variação, sendo registrada inclusive uma ligeira queda de 0,03%.

Caso a análise seja feita considerando-se os investimentos de longo prazo, ou seja, quando se incluem os itens dos custos operacionais totais (COT) – máquinas, construções, cercas e suas depreciações –, Rondônia garante a liderança. De maio a novembro, os preços dos insumos pesquisados neste Estado subiram consecutivamente. O recuo até expressivo de 1,4% no mês de dezembro, porém, nem de longe ameaçou o topo do podium, já que em 12 meses, lojas agropecuárias rondonienses reajustaram os insumos pecuários em quase 15%.

Vale relacionar esses aumentos à expansão do rebanho bovino neste Estado que, conforme o IBGE, foi de quase 17% de 2002 para 2003, representando o segundo maior crescimento de todas as unidades da Federação analisadas, perdendo apenas para o Amazonas, seu vizinho. De 2000 para 2003, o rebanho de Rondônia cresceu quase 66%, contando com 9,4 milhões de cabeças no último levantamento do IBGE (2003).

Ao considerar os desembolsos mensais do pecuarista, passa à frente o Estado do Mato Grosso do Sul, que acumulou a maior variação do COE de fevereiro até o fechamento do ano. O balanço do período é o considerável aumento de 10,8% dos custos efetivos ao passo que a arroba do boi teve reajuste nominal de apenas 1%. O segundo maior aumento tanto do COT quanto do COE é contabilizado por Minas Gerais, desde agosto.

O resultado sul-mato-grossense foi agravado pelo desempenho das vendas de boi em dezembro, quando o preço da arroba chegou a ficar 4,1% abaixo da média de novembro. Essa queda reflete os problemas com a saúde animal que o Estado enfrentou logo após a campanha de vacinação e também a diminuição da procura de compradores paulistas. Também o aumento de 6,7% do óleo diesel – representa quase 6% dos custos totais – neste Estado no último mês do ano foi determinante para que os custos efetivos atingissem o acumulado de 10,8% no ano. Medicamentos em geral também puxaram os preços nesse Estado, já foram reajustados em 2,6%.

Piracicaba, 25 de janeiro de 2005.

A análise dos 12 meses evidencia que o maior aumento no preço do diesel ocorreu mesmo em dezembro; os 5,12% deste período superaram até os 4,93% de junho. Insumos para construção e manutenção de cercas também preocuparam muito produtores rurais, se mantendo com os maiores acumulados nos últimos dois meses do ano. Os adubos, que em alguns meses chegaram a ultrapassar 5% dos custos totais do pecuarista, também se destacaram em 2004, sendo reajustados em 11 dos 12 meses considerados. As maiores variações ocorreram em fevereiro (4,13%) e setembro (3,71%), ao passo que a única queda se deu em agosto, de apenas 1,04%. Além do encarecimento da matéria-prima da maioria dos fertilizantes, os preços foram inflacionados ainda pela demanda da agricultura.

Outro insumo representativo nos custos envolvidos na atividade pecuária é a suplementação mineral, que em alguns meses chegou a quase 15% dos custos, perdendo apenas para os dispêndios com mão-de-obra. O uso da suplementação mineral é constante no ano, e esses reajustes tiveram um efeito direto no caixa mensal do pecuarista. Somente em dezembro os preços tiveram um recuo mínimo (-0,16%); percentual insignificante quando comparado ao 1,5% de fevereiro e aos 2,11% de junho.

A forte estabilidade do mercado de sementes no correr de 2004 mantém as preocupações quanto aos investimentos que os pecuaristas, de modo geral, têm feito em pastagens, a base da competitividade da carne bovina brasileira. De março a dezembro de 2003, período inicial desta pesquisa, os preços das sementes forrageiras recuaram 13,5% e no acumulado de 2004, subiram em termos nominais, apenas 1,2%.

No último ano (2004), o reajuste da mão-de-obra, baseado no salário mínimo, foi de 8,3%, ao passo que no primeiro ano do governo Lula havia sido de 20%. Mesmo assim, em 10 meses de 2003, a variação acumulada do COE foi de apenas 4,7% e do COT, de 6,9%. Em 2004 (12 meses), os resultados saltaram para 8,1% e 10,1%, respectivamente, para tristeza dos pecuaristas.

Esses percentuais foram alavancados também pela conjuntura internacional, que inflacionou significativamente os preços do diesel e do aço, neste caso sobretudo pela demanda chinesa. Apenas para lembrar, em 2003, o diesel acumulou queda de 4% de março a dezembro, e insumos para a construção/reformas de cercas, aumentaram apenas 6,5%.

Por outro lado, os resultados excepcionais do PIB do Agronegócio de 2002 e de 2003 motivaram fortes investimentos na agricultura, favorecendo reajustes superiores a 20% dos adubos, por exemplo. Já em 2004, esses insumos foram reajustados em apenas 6,5%.

Interessados no relatório completo do Cepea, que inclui tabelas com variações detalhadas, devem acessar a página de Custos de Produção Pecuária: http://www.cepea.esalq.usp.br/indicador/boi/page_2.php
Há também link na home (www.cepea.esalq.usp.br), em Publicações: **Indicadores Pecuários (custo produção)**

Outras informações podem ser obtidas através do Laboratório de Informação do Cepea:
19-3429-8837 / 8836 e cepea@esalq.usp.br

CAIXA POSTAL 132 • 13400-970 • PIRACICABA - SP • BRASIL • TEL: 19 3429-8837 • FAX: 19 3429-8829